

Via Litterae

Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800

Recategorização, semantização e discursivização na trajetória de gramaticalização do *onde*

Decategorization, semantization and discursivization in the grammaticalization course of the *onde*

Sostenes Lima*; Maria Luiza M. S. Coroa**

*Universidade Estadual de Goiás (UEG); **Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever a trajetória de gramaticalização do *onde*, apontando os processos de mudança aí implicados. Parte-se do princípio segundo o qual os itens linguísticos, em processo de gramaticalização, sofrem diversas mudanças, envolvendo tanto elementos formais quanto lexicais e semânticos. Na trajetória de gramaticalização do *onde*, foram encontrados traços de mudança em três níveis: categoria gramatical (recategorização), conteúdo semântico (semantização) e funcionamento discursivo (discursivização).

Palavras-chave: Gramaticalização do *onde*. Recategorização. Semantização. Discursivização.

Abstract: This article aims to describe the grammaticalization course of the *onde* word, showing the change processes involved therein. We assume that linguistic items in the grammaticalization process undergo several changes, involving both formal and lexical and semantic elements. In the grammaticalization course of the *onde*, we found change features in three levels: grammatical category (recategorization), semantic content (semantization) and discursive function (discursivization).

Keywords: Grammaticalization of *onde*. Recategorization. Semantization. Discursivization.

Introdução

Neste artigo buscamos descrever a trajetória mudança categorial, semântica e discursiva do *onde* a partir do paradigma da gramaticalização. Partimos do princípio segundo o qual os itens linguísticos, em processo de gramaticalização, sofrem diversas mudanças, envolvendo tanto elementos formais (fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos) quanto lexicais e semânticos.

Encontramos traços de mudança do *onde* em três níveis: categoria gramatical, conteúdo semântico e funcionamento discursivo. Seguindo a terminologia já consagrada na área de estudos da gramaticalização, rotulamos os processos de mudança referentes a esses três níveis como recategorização, semantização e discursivização.

O artigo apresenta inicialmente uma explanação do paradigma da gramaticalização. São mostradas as diversas propostas de direção do curso de gramaticalização das formas linguísticas.

Como a gramaticalização envolve vários níveis linguísticos, é possível abordar o processo a partir dos vários estratos: gramatical, lexical, semântico, discursivo. Pode-se, por exemplo, abordar a gramaticalização de um item linguístico a partir das mudanças formais, analisando-se os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos. Castilho (1997) defende que podem ser identificados no processo de mudança formal os seguintes estágios ou fases: [i] sintatização, [ii] morfologização, [iii] redução fonológica, [iv] estágio zero, fase que reinstaura todo o processo (CASTILHO, 1997).

Dada a natureza do item estudado neste artigo, nos propomos focalizar os níveis lexical, semântico e discursivo. Buscamos, assim, mapear a trajetória de gramaticalização do *onde* focalizando as mudanças de categorial lexical, de conteúdo semântico e de funcionamento discursivo.

Considerando que há nos estudos da gramaticalização várias propostas sobre a trajetória e/ou direção das mudanças semânticas, tomamos como base o princípio segundo o qual os itens partem de conceitos mais concretos para conceitos mais abstratos, seguindo a escala abstratização *espaço* > *tempo* > *texto*. Paralelo a esse curso de abstratização ocorre uma expansão do uso discursivo, isto é, uma discursivização.

1 O paradigma da gramaticalização

O termo gramaticalização não é novo, embora tenha se firmado como plano teórico só recentemente – a partir da década de 1970. O termo foi usado primeiramente por Meillet em 1912, com a publicação do texto *L'évolution des formes grammaticales*, no qual ele define gramaticalização como a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1948[1912], p. 131).

Há diversos sentidos para o termo gramaticalização, porém o que nos interessa como suporte teórico neste trabalho é o sentido

que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 46).

A gramaticalização é, nesse sentido, o nome que se dá à migração de um item do léxico e do discurso para a gramática. Assim, é natural que um termo, ao sair do léxico ou do discurso para a gramática, passe a ter o uso mais regular e restrito, já que regularidade e restrição são características fundamentais da gramática.

Ressaltamos que em alguns casos ocorre não a passagem de um item do léxico e/ou discurso para a gramática, mas a passagem de item já gramatical para um estágio mais gramatical. É nesse tipo de gramaticalização que se insere o caso do *onde*. Mesmo em seu uso canônico, quando designa local físico, o *onde* apresenta um estatuto categorial gramatical, como se verá mais adiante.

1.1 Direções no processo de gramaticalização

Além das mudanças linguísticas ocorridas no processo da gramaticalização, em duas direções, como sugerido acima, *Léxico > Gramática e Menos gramatical > Mais gramatical*, pode-se verificar outro tipo de mudança linguística, associado e paralelo à gramaticalização, mas não da mesma natureza. Trata-se do processo da *discursivização*. Esse termo tem sido utilizado “para designar esse outro processo de mudança, que leva o

elemento linguístico a perder suas restrições gramaticais, sobretudo de ordenação vocabular, e assumir restrições de caráter pragmático e interativo” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 60).

Nesse sentido, podemos mapear três direções no processo de mudança linguística, duas ocorridas na *gramática* e uma no *discurso*, conforme nos mostram os exemplos abaixo:

a) Direção 1: item lexical > item gramatical

[1a] João vai à escola

[1b] João vai falar com o professor

[1c] João vai começar o trabalho amanhã

[2a] João vem pra cá amanhã

[2b] João vem vindo muito devagar

[2c] João vem fazendo muitas coisas estranhas ultimamente

b) Direção 2: item menos gramatical > item mais gramatical:

[3a] O menino está menos agitado hoje

[3b] Apareceu menos pessoas na festa hoje

c) Direção 3 – Discursivização: item lexical / gramatical > item discursivo.

[4] “... primeiro tu vai me dizer o que tem dentro dessa caixa aí... eu falei aqui não tem nada não... aí ele falou assim... mentira... eu sei que essa caixa aí é da Redley...” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 47).

[5] “... minha mãe me deu tênis de presente... só que aí o tênis não... coube no meu pe... aí eu tive que trocar...” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 47).

Hopper e Traugott (1993, p. 68) assumem que “os significados mudam e as estratégias cognitivas que motivam essa mudança são fundamentais no estágio inicial da gramaticalização e estão intimamente ligados à expressividade”. Desse modo, “parece existir um número limitado de estruturas cognitivas básicas formando o *input* ou o ponto de partida (*source*) da gramaticalização” (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991a, p. 151). Essas estruturas cognitivas básicas são rotuladas como *conceitos prototípicos*¹ (*source concepts*) e *proposições prototípicas* (*source propositions*).

A mudança semântica envolvida no processo de gramaticalização é metaforicamente estruturada a partir de categorias perceptuais. Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a) organizam essas categorias perceptuais ao longo de um *continuum* unidirecional, em cuja extremidade esquerda, onde se inicia o processo de deslocamento semântico, encontram-se as categorias mais concretas:

pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Neves (1997, p. 134) afirma que “essa é uma escala de abstratização, que, num crescendo para a direita, governa o processo metafórico. Indica-se nesse esquema que qualquer elemento da escala pode conceptualizar um elemento à sua direita”.

1.2 Trajetória de gramaticalização das formas linguísticas

Castilho (1997, p. 31), ao enfatizar o percurso de mudança formal do item linguístico, afirma que um item lexical, ao se gramaticalizar,

muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

Assim, podemos identificar no processo de gramaticalização os seguintes estágios

¹ Em razão do nosso objeto de análise neste trabalho constituir apenas um item lexical, vamos nos ater à primeira estrutura cognitiva básica, os conceitos prototípicos.

ou fases: [i] sintatização, [ii] morfologização, [iii] redução fonológica, [iv] estágio zero, fase que reinstaura todo o processo (CASTILHO, 1997). Simultaneamente às fases [i] a [iv], os itens lexicais sofrem [v] alterações semânticas. Como se vê, o processo de gramaticalização afeta os elementos linguísticos nos diversos níveis do sistema linguístico, o que significa dizer que itens lexicais e/ou gramaticais em fase de gramaticalização são afetados na forma (fonética, morfologia, sintaxe), no conteúdo (semântica) e no uso (pragmática, discurso).

O esquema de Castilho (1997) apresenta certa semelhança com o proposto por Givón (1979), para quem o curso predominante da forma é:

discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero

Neves (2006, p. 20-21) comenta que “características como a perda de complexidade semântica, de liberdade sintática e de substância fonética, com a contraparte de ganho em significação morfossintática” nada mais são do que consequências do “processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (Hopper & Traugott, 1993)”.

Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 47) identificam os seguintes fenômenos de mudança linguística que ocorrem no processo de gramaticalização:

- a) Trajetória de elemento linguístico do léxico à gramática [...];
- b) Trajetória de vocábulo a morfema [...].
- c) Trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (ou mais regular) [...].
- d) Trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial [...].
- e) Trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função gramatical [...].
- f) Trajetória dos processos de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática, através de regularização e sistematização.
- g) Trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas.

Dentre esses fenômenos, destacam-se como os mais intimamente relacionados com o processo de gramaticalização do *onde* os pontos c) e d).

Tendo em vista os construtos teóricos formulados por Castilho (1997), Givón (1979), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991a), Hopper e Traugott, (1993), Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Neves (2006), apresentados acima, propomos a seguir uma trajetória de gramaticalização do *onde* dividida em três etapas: [i] Trajetória de mudança categorial – recategorização, [ii] Trajetória de mudança semântica – semantização, e [iii] Trajetória de mudança discursiva – discursivização. É importante ressaltar que os itens lexicais não passam uniformemente por todos os estágios de gramaticalização previstos. Nesse sentido, não encontramos no processo de gramaticalização do *onde* vestígios de morfologização e redução fonológica, conforme prevê o esquema de Castilho (1997) e Givón (1979), nem alguns dos fenômenos de mudança linguística expostos por Martelotta, Votre e Cezario (1996).

2 Trajetória de mudança categorial do *onde* – recategorização

A organização das palavras em categorias ou classes tem sido motivo de muito debate tanto no campo da gramática tradicional como da linguística². Diversas têm sido as críticas levantadas por linguistas sobre os critérios levados em consideração para a definição de uma classe gramatical. Como não temos o objetivo de analisar essa questão, basta-nos apresentar aquilo que é consenso na linguística a respeito da classificação das palavras: que os itens lexicais possuem propriedades ou traços gramaticais que os integram em diferentes classes léxico-sintáticas (CASTILHO, 1997; PERINI, 2002, 2006).

As gramáticas normativas do português, conforme o estudo de Lima (2007)³, classificam o *onde* como advérbio, como pronome relativo, e como advérbio e pronome relativo simultaneamente. Pode-se dizer que essa variação classificatória resulta do fato de que termos como *onde*, em processo de gramaticalização e com um acentuado caráter multissêmico e multifuncional, apresentam um alto grau de instabilidade categorial.

A tradição gramatical se caracteriza por definir as classes como entidades fechadas, discretas, do tipo lexical ou gramatical, deixando de considerar que alguns elementos

² Há diversos trabalhos no campo da Linguística que apresentam críticas aos critérios utilizados pela gramática tradicional para a classificação das palavras. A esse respeito, ver Perini (2002, 2006)

³ Lima (2007) analisou as seguintes gramáticas: Bechara (1999), Cegalla (2000), Cipro Neto e Infante (2003), Cunha e Cintra (2001), Almeida (1997) e Rocha Lima (1999).

podem apresentar características, tanto gramaticais (morfo-sintáticas) quanto semânticas, altamente instáveis e flexíveis. Em contrapartida, numa perspectiva funcional, as classes apresentam contorno irregular. O núcleo de uma classe é formado pelos termos que mais firmemente contêm os traços básicos e característicos do conjunto. Nesse sentido, é bastante comum um termo se posicionar à margem do núcleo de uma categoria, ocupando, portanto, um espaço intercategoriaal ou mesmo migrando de uma classe para outra (OLIVEIRA, 2001).

Neves (2006, p. 258) afirma que “muitos dos elementos usados na articulação de orações estão envolvidos em processo de gramaticalização, e observado o seu comportamento nos enunciados da língua, verifica-se que esses elementos podem ser colocados em diferentes pontos de escala [...]”. Mudança e flexibilidade categorial constituem, assim, um mecanismo de gramaticalização fundamental para a expressão de conteúdos cognitivos para os quais ainda não há designações linguísticas estabilizadas, ou as que existem e foram funcionais num outro momento da língua não mais se adequam ao processo comunicativo.

Hopper e Traugott (1993, p. 103-104) afirmam que, quando uma forma se gramaticaliza, partindo do léxico para a gramática, ela tende a perder propriedades morfológicas e sintáticas que serviam para identificá-la como integrante de uma categoria gramatical maior, como por exemplo os nomes ou verbos. Desse modo, tem se observado o seguinte *continuum* na recategorização dos itens lexicais que passam por um processo de gramaticalização:

categoria maior [nome, verbo, pronome]



categoria mediana [adjetivo, advérbio]



categoria menor [preposição, conjunção]

(HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 104 apud CASTILHO, 1997, p. 33).

2.1 Categorização do *onde*

Partimos do postulado de que o *onde*, devido ao seu caráter multissêmico e

multifuncional – algo já devidamente mostrado nos estudos de Bonfim (1993), Cambraia (2002), Coelho (2001), Kersch (1996), Mattos e Silva (1989), Oliveira (1997), Pires de Oliveira (1998), Souza (2003) – adquire também um caráter multicategorial.

Dentro do *continuum* proposto por Hopper e Traugott (1993), os pronomes são considerados uma categoria maior que precede os advérbios. De acordo com a trajetória diacrônica mostrada por Lima (2007), o *onde* originalmente era um pronome. No curso de gramaticalização, esse item adquiriu novas propriedades funcionais e semânticas, vindo a funcionar posteriormente como conjunção e marcador discursivo.

É bastante difícil determinar em que ponto da linha diacrônica o *onde* passa de uma categoria a outra, já que é possível observar usos pronominais (interrogativo, relativo e demonstrativo) e conjuncionais do *onde* numa fase muito remota do português, como atestam os trabalhos de Mattos e Silva (1989) e Bonfim (1993). Embora as autoras não façam uma abordagem direta a respeito da categorização do *onde*, é possível depreender, da abordagem que fazem dos aspectos semânticos, uma distribuição multicategorial do *onde*. A realização semântica do *onde* é, em ambos os trabalhos, dividida em quatro aspectos: valor locativo, valor locativo abstrato, valor temporal e valor discursivo. Mattos e Silva (1989) inclui ainda o valor possessivo. Desses valores semânticos, deduzimos a seguinte distribuição categorial:

valor locativo = Pronome (interrogativo, advérbio relativo e pronome relativo)

valor locativo abstrato = Pronome (interrogativo, advérbio relativo e pronome relativo)

valor temporal = pronome (relativo)

valor possessivo = pronome (relativo)

valor discursivo = conjunção

Vale ressaltar que o português atual mantém essa mesma estrutura categorial, com uma nítida expansão do uso conjuncional do *onde*, algo rejeitado pelas gramáticas normativas. Lima (2007), ao estudar o uso do *onde* em textos de professores de Língua Portuguesa e em textos de alunos concluintes do curso de Letras, encontrou 13 casos conjuncionais do *onde*, em um total de 63 ocorrências.

2.2 O *onde* como advérbio relativo, uma subclasse dos pronomes

A classificação do *onde* como advérbio é problemática. Os itens linguísticos que tradicionalmente integram a classe dos advérbios apresentam diferenças importantes, tanto no aspecto formal (morfossintaxe) quanto no aspecto semântico, o que torna a determinação dessa classe um assunto controvertido. Notemos, por exemplo, considerando o caso dos advérbios locativos, o quanto é problemático incluir itens como *aqui*, *ali* e *lá* por um lado e *onde* por outro, numa mesma classe. Alguns exemplos do funcionamento sintático desses itens nos mostram que eles não podem ser distribuídos sintaticamente do mesmo modo:

- [6a] Ela estava aqui.
 - [6b] Ela estava ali.
 - [6c] Ela estava lá.
 - [6d] *Ela estava onde.
-
- [7a] Eu sei onde você estava ontem.
 - [7b] * Eu sei aqui você estava ontem.
 - [7c] * Eu sei ali você estava ontem.
 - [7d] * Eu sei lá você estava ontem.
 - [7e] * Eu sei cá você estava ontem.
-
- [8a] Ela passou por aqui mais cedo.
 - [8b] Ela passou por ali mais cedo.
 - [8c] Ela passou por lá mais cedo.
 - [8d] *Ela passou por cá mais cedo.
 - [8e] *Ela passou por onde mais cedo.

Por esse motivo propomos que, nos supostos casos adverbiais, o *onde* seja classificado como advérbio relativo, uma subclasse dos pronomes, e não apenas como um advérbio.

Recorremos à abordagem categorial prototípica de Taylor (1995) para o tratamento do *onde*, tanto como pronome (interrogativo, advérbio relativo, relativo) quanto como conjunção e como marcador discursivo. Oliveira *et al.* (2005) resumem a concepção de Taylor (1995), associando-a com Hopper (1991) e Givón (2001), do seguinte modo:

podemos admitir que, numa dada classe, encontram-se membros situados em pontos distintos em relação ao eixo categorial básico, de acordo com o número de traços compartilhados pelos mesmos. Assim, encontramos constituintes que de modo mais visível representam essa classe; em geral, são itens mais frequentes e identificados pela comunidade linguística como pertencentes à categoria. Por outro lado, podemos registrar também termos que, por conta da perda de traços categoriais, tendem a ocupar posição periférica ou marginal em relação ao padrão, situando-se praticamente no limite ou na interseção com outra classe. Neste segundo caso, como Hopper (1991), podemos falar em decategorização, em relação à perda de traços da categoria fonte, e recategorização, em termos da incorporação de traços da categoria alvo, com a identificação de processo de gramaticalização, de acordo com Givón (2001).

Castilho (1997), ao abordar o processo de recategorização do grupo pronominal, afirma que os pronomes são fundamentalmente dêiticos; com a gramaticalização, eles vão perdendo esse valor e assumindo um caráter anafórico. Desse modo, temos então o seguinte percurso: por meio de um processo de abstratização do valor dêitico, os itens se deslocam de uma identificação de lugar no mundo biossocial para uma identificação de lugar no discurso, passando então de um valor dêitico para um valor anafórico.

Esse fenômeno é percebido no curso de gramaticalização do *onde*, que, nos usos interrogativos e adverbiais relativos (os que estão numa posição mais anterior do *continuum* diacrônico), tem um valor exclusivamente dêitico locativo, e posteriormente, nos usos pronominais relativos, assume um valor acentuadamente anafórico.

Castilho (1997) também aborda a recategorização do grupo dos conectivos. O autor propõe que a classe das conjunções é constituída a partir das seguintes classes:

Nome > Conjunção

Verbo > Conjunção

Pronome > Conjunção

No ponto em que discorre sobre a passagem Pronome > Conjunção, Castilho (1997, p. 41), citando Nascentes (1953) e linguistas como Câmara Jr. (1976) e Tarallo (1983), chama a atenção para o fato de que “os pronomes relativos estão perdendo suas propriedades pronominais, com uma severa redução de seu quadro, restringindo sua atuação gramatical à de uma conjunção sem papel funcional”. Castilho (1997, p. 41), afirma que esse fenômeno se manifesta no item *que*, o qual

está passando por outras formas de generalização de uso, operando como conjunção aditiva / temporal / condicional / comparativa, como nestes exemplos de Marroquim 1945: “eu tomei pula vareda, qui (= e) quando caí no engano tinha andado meia légua” / “eu não sei qui ele veio” (= quando), “se o olhar fosse alfinete e que (=se) desse alfinetada, tu ficava furadinha, que (= que nem) só renda de almofada”.

Levantamos aqui algumas questões que problematizam a afirmação de Castilho (1997). Certamente, essas questões requerem estudos quantitativos mais aprofundados para avaliação:

- Na redução do quadro dos pronomes relativos, não estariam juntos o *onde* e o *que*, em vez de o *que* sozinho?
- Na redução do quadro dos pronomes relativos, não estaria o *onde* concorrendo com o *que* como item relativo com maior funcionalidade, pelo menos em alguns contextos?
- Na passagem Pronome > Conjunção não estaria o *onde*, juntamente com o *que*, passando também por um processo de expansão de uso, operando como conjunção nos mesmos termos que o *que*?

3 Trajetória de mudança semântica do *onde* – semantização

O processo aqui nomeado de *semantização* recebe diversos nomes na literatura. Nos trabalhos em português, aparecem mais comumente os seguintes termos: *abstratização* (NEVES, 1997) e *semantização* (Castilho, 1997). Preferimos utilizar o termo *semantização* por ser o que se adequa melhor ao conceito que tomamos por base neste artigo.

O processo de semantização é conceituado aqui como um conjunto de alterações semânticas pelas quais passa um item durante seu curso de gramaticalização. É comum encontrar na literatura o termo dessemantização, apesar da inadequação terminológica, uma vez que “não há perdas, há modificações de sentidos”, como ressalta Castilho (1997, p. 60). O termo *dessemantização* parece basear-se na hipótese de que o processo de mudança semântica tem como elemento central uma espécie de enfraquecimento, desbotamento, desvanecimento, redução do significado fundante, “como se a permanente criatividade de que é feita a língua implicasse em perdas, sem ganhos, em desmaios, sem despertares” (CASTILHO, 2003).

Como vimos, segundo o funcionalismo, os sistemas linguísticos estão em constante flutuação, tanto em nível gramatical (forma) quanto semântico (conteúdo) e pragmático (uso). Isso ocorre devido ao dinamismo das necessidades comunicativas dos usuários. Furtado da Cunha e Votre (1998, p. 65) afirmam que

a abordagem funcionalista acolhe a hipótese de que a linguagem se adapta às necessidades de comunicação dos seus usuários e as gramáticas refletem essas adaptações. [...] A língua é tida como uma estrutura maleável, emergente, uma vez que está sujeitas às pressões do uso e se constitui de um código não inteiramente arbitrário.

Adotando a visão multissistêmica de Castilho (2003), segunda a qual “língua é um multissistema dinâmico, [...] tendo ao centro o Léxico e à volta a Semântica, o Discurso e a Gramática”, podemos afirmar que todos os sistemas (léxico, semântica, discurso e gramática) apresentam um alto grau de maleabilidade e flexibilidade, estando num contínuo processo de construção e reconstrução, de acordo com as demandas do uso. Partindo desse postulado, podemos afirmar que o sistema semântico de uma língua está em contínua emergência, implementando constantes inovações e renovações de usos e sentidos.

O dinamismo do sistema semântico é visto por Hopper (1991) com um dos cinco princípios da gramaticalização. Para o autor, a *estratificação* ou *distribuição em camada* (*layering*) se refere ao princípio segundo o qual “dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas emergem continuamente. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e a interagir com as camadas mais novas” (HOPPER, 1991, p. 22).

Votre (1996, p. 38) expande e reformula esse princípio nos seguintes termos:

Camada, nessa nova proposta, contempla a ideia de persistência do

sentido fundante e associa-se a sobreposição/aposição, de modo que pode haver casos em que dois significados estão apostos, mas um não tem, rigorosamente falando, traços nítidos do significado-fonte. O significado novo guarda apenas uma leve associação não explícita com o original, sobretudo nos processos de discursivização do significado, em que o mesmo se torna genérico, vago, empalidecido.

O processo de deslizamento semântico via camadas pode ser mapeado no processo de semantização do *onde*. O deslizamento parte de uma camada mais concreta (*onde* – espaço concreto) até uma camada mais abstrata (ou totalmente abstrata), cujo sentido se torna vago ou vazio (*onde* – marca discursiva) em que não mais se percebe uma associação com o sentido fundante.

Dentro do paradigma da gramaticalização são propostos vários modelos de deslizamento semântico:

Espaço > discurso

(HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991b)

Corpo > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

(HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991a)

Espaço > (tempo) > texto

(TRAUGOTT; HEINE, 1991b).

Tempo > causa > concessão

(TRAUGOTT; KÖNIG, 1991)

Espaço > Tempo > causa

(CASTILHO, 2003)

O princípio da abstratização está presente em todos esses modelos. Isso nos

permite afirmar, a exemplo da teoria da metáfora da semântica cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980), que sentidos mais concretos dão origem a sentidos mais abstratos. Pode-se estabelecer um *continuum* ao longo do qual os sentidos vão deslizando do campo mais concreto para um campo mais abstrato, até chegar ao ponto em que o sentido passa para um domínio estritamente discursivo, o que provoca sua vaguidão ou apagamento.

A trajetória *espaço > discurso* proposta por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991b) ilustra o processo de transferência metafórica em que a noção de *espaço no universo biossocial* é usada como protótipo da noção de *espaço no discurso*. É por meio desse processo que itens lexicais (universo biossocial) passam a uma categoria gramatical (universo textual).

Utilizamos a escala *espaço > tempo > texto* proposta por Traugott e Heine (1991b) como ponto de partida para ilustrar da trajetória de semantização do *onde*. Apresentamos a seguir três quadros (um para cada escala semântica), seguidos de alguns exemplos extraídos de Lima (2007), para mostrar como se desenvolve a escala de semantização do *onde*. Note-se que dentro de cada escala, com exceção do tempo, há subescalas semânticas.

3.1 Escala semântica de espaço

Quadro 01 – Valores semânticos do *onde* para a escala *espaço*

Trajectoria de semantização	Espaço concreto >	Espaço abstrato >	Posse >	Instrumento
Valores semânticos	Locativo concreto	Locativo abstrato	Possessivo	Instrumental
Equivalentes semânticos	Em que lugar Lugar onde	Em que No(a) qual Que	Cujo Do(a) qual	Através do(a) qual

a) Espaço concreto

- [09] A norma padrão é considerada um bem de consumo e, devido principalmente à concentração de renda, muitos não podem adquiri-la. Em um país com tamanha desigualdade social, **onde** a grande maioria da população não tem acesso à educação, esse preconceito torna-se mais um instrumento na manutenção da hierarquia social (EL, 212). (LIMA, 2007, p. 87).

b) Espaço abstrato

- [10] É imprescindível transformar o ensino de língua, sair do isolamento e ir para a sociedade, **onde** é efetivamente usada. E isso só é possível ser feito, a partir da conscientização de todo o grupo social (TPGO, 344). (LIMA, 2007, p. 97).

c) Possessivo

- [11] A formação de profissionais em educação precisa ser urgentemente repensada, pois o que presenciamos são cursos rápidos, **onde** os encontros quase que clandestinos, formam milhares de profissionais, que são diariamente lançados no mercado de trabalho (TPDF, 434). (LIMA, 2007, p. 105).

Observe-se que em [11] o *onde* pode ser substituído por *cujos*, mantendo-se o sentido:

- [11a] A formação de profissionais em educação precisa ser urgentemente repensada, pois o que presenciamos são cursos rápidos, *cujos* encontros, quase que clandestinos, formam milhares de profissionais [...].

d) Instrumental

- [12] Nessa perspectiva, vemos como grande desafio, atualmente, em nossas escolas a prática pedagógica da ilusão, **onde** muitos professores ainda insistem em condenar “erros”, exaltar gramáticas e estagnar pensamentos e emoções advindas dos alunos que estão sedentos de comunicação (TPDF, 401). (LIMA, 2007, p. 109).

Podemos substituir o *onde* por *através da qual*, e, assim, gerar uma oração relativa padrão com o mesmo sentido:

- [12a] Nessa perspectiva, vemos como grande desafio, atualmente, em nossas escolas **a prática pedagógica da ilusão, através da qual** muitos professores ainda insistem em condenar “erros”, exaltar gramáticas e estagnar pensamentos.

3.2 Escala semântica de tempo

Quadro 02 – Valores semânticos do *onde* para a escala *tempo*

Trajectoria de semantização	Tempo
Valor semântico	Temporal
Equivalentes semânticos	Quando Em que tempo

a) Tempo

- [13] Vivenciamos **dias terríveis, onde** um erro banal era evidenciado para o grupo, deixando envergonhado aquele que ousou expressar-se através da escrita ou da fala (TPDF, 432). (LIMA, 2007, p. 114).

3.3 Escala semântica de texto

Quadro 03 – Valores semânticos do *onde* para a escala *texto*

Trajectoria de semantização	Espaço textual >	Causa Conclusão Resultado	Marca discursiva
Valores semânticos	Fórico textual / demonstrativo	Operador argumentativo (Conjunção)	Marcador discursivo
Equivalentes semânticos	Isto / isso	Porque / pois / já que Por isso / portanto De modo que	Ø (zero)

a) Fórico textual / demonstrativo

O exemplo a seguir foi extraído do estudo de Oliveira (2000, p. 200):

- [14] O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. **Onde** eu acho um desafio. Pois eu tenho de chegar à perfeição. O meu objetivo é fazer um desenho mais parecido o possível daquele outro.

Esse caso mostra, segundo Oliveira (2000, p. 200), que o *onde*

ainda conserva um pouco de seu sentido de espaço, mas espaço no discurso e não mais no mundo real. Passa a funcionar como um elemento discursivo equivalente a *isto*, aparecendo inclusive depois de um ponto final, ou seja, de uma grande pausa prosódica.

Podemos fazer a seguinte substituição sem prejuízo de sentido:

- [14a] O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. **Isso** eu acho um desafio.

b) Operador argumentativo de conclusão

- [15] E esta competência comunicativa já vem sendo formada desde a infância e nos atos de interação na sociedade, **onde** que é fundamental o emprego e aplicação desta competência aos alunos em sala de aula, pois eles já estão mais familiarizados com ela (EL, 276). (Lima, 2007, p. 121).

Em [15], o *onde* pode ser substituído pelos operadores de conclusão portanto, por isso e pois, sem nenhuma alteração no curso argumentativo do texto original:

- [15a] E esta competência comunicativa já vem sendo formada desde a infância e nos atos de interação na sociedade, **pois / por isso / pois** é fundamental o emprego e aplicação desta competência aos alunos em

sala de aula, pois eles já estão mais familiarizados com ela.

c) Operador argumentativo de causa

- [16] A “ampliação da competência comunicativa dos alunos” está inserindo todas as variantes linguísticas presentes, papel que a escola tem que facilitar na Educação, **onde** a competência comunicativa não se refere a norma culta, padronizada pelas regras gramaticais mas ao modo de falar natural (EL, 248). (LIMA, 2007, p. 122).

Em [16], podemos substituir o *onde* pelos operadores de causa pois e já que:

- [16a] A “ampliação da competência comunicativa dos alunos” está inserindo todas as variantes linguísticas presentes, papel que a escola tem que facilitar na Educação, **pois / já que** a competência comunicativa não se refere a norma culta, padronizada pelas regras gramaticais mas ao modo de falar natural.

d) Operador argumentativo de resultado

- [17] A unificação a que se referem diz respeito a geração de uma dupla tendência linguística: a língua que é falada e a língua que é escrita, tendo a primeira dentro dos grupos sociais variações linguísticas diversas; e a segunda, como uma norma-prescritiva padrão para a língua, **onde** ambas tem convivência pacífica que como diz Corbeil “se faz por uma prática “consciente’ e inconsciente”. (EL, 301). (LIMA, 2007, p. 124).

Em [17], o *onde* admite a seguinte substituição:

- [17a] E a segunda, como uma norma-prescritiva padrão para a língua, **de modo que** ambas têm convivência pacífica que como diz Corbeil “se faz por uma prática “consciente’ e inconsciente”.

Esses exemplos nos mostram que há na trajetória de semantização do *onde* um processo de metaforização que parte de um valor mais concreto em direção a um valor mais abstrato, vazio, vago.

Uso do *onde* com valor locativo é certamente o mais produtivo, por ser aquele que está na origem do processo de semantização. Contudo, alguns estudos (OLIVEIRA, 2000; SOUZA, 2003; LIMA, 2007) têm mostrado a expansão dos valores mais abstratos, confirmando assim o princípio do paradigma da gramaticalização, segundo o qual conceitos [+] espaciais e [+] concretos tendem a deslizar para conceitos mais [+] textuais e [+] abstratos. Os conceitos podem ainda passar por um estágio intermediário, o [+] temporal, como acontece com o *onde*.

É importante dizer que os usos do *onde* com valor *locativo abstrato* e com o valor *temporal* ocorrem abundantemente em textos formais contemporâneos, tanto falados quanto escritos (KERSCH, 1996). Isso indica que, apesar do esforço da tradição gramatical em estigmatizar o *onde abstrato* e o *onde temporal*, os usuários parecem não perceber esses valores como desvios da norma-padrão.

4 Trajetória de mudança discursiva – discursivização

A trajetória de mudança discursiva do *onde* está estreitamente ligada à trajetória de mudança semântica. Para explicar o funcionamento discursivo do item *onde*, recorreremos novamente à metáfora espaço > discurso proposta por Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991b, p. 179) como ponto de partida.

Considerando-se a metáfora espaço>discurso, podemos afirmar que o *espaço concreto do mundo biossocial* se estende ao *espaço abstrato do universo textual* (discursivo), de modo que itens linguísticos locativos concretos como *onde*, *lá*, etc. (os dêiticos espaciais), que servem para orientar a localização de seres/objetos no universo biossocial, se estendem metaforicamente a itens locativos abstratos (os fóricos), passando a marcar a posição dos elementos no universo textual (discursivo). Como enfatizam Martelotta e Rêgo (1996, p. 241), “é comum os dêiticos espaciais serem usados para indicar pontos do texto já mencionados (anáfora) ou ainda por mencionar (catáfora)”. Ressaltamos que, assim como o espaço biossocial se abstratiza em espaço textual, assim também os seres/objetos do mundo biossocial podem se abstratizar em elementos textuais como sintagma, oração etc. Numa escala posterior, esses itens podem se abstratizar ainda mais, vindo a fazer parte do grupo dos operadores argumentativos. Esses itens podem assumir as seguintes características: (1) do ponto de vista sintático, têm um funcionamento gramatical mais regular e servem para a organização interna da língua; (2) do ponto de vista

semântico, sofrem esvaziamento no potencial de referenciação dêitica e fórica, chegando, em alguns casos, a ficar plenamente vazios; e (3) do ponto de vista do discursivo, servem para o encadeamento lógico do texto e para construção das estratégias argumentativas (cf. MARTELOTTA, 1996, p. 194).

Pode ser delineada ainda uma última escala nessa trajetória, quando um Locativo concreto, Locativo abstrato, Possessivo, Temporal, fórico textual ou Operador argumentativo passa a marcador discursivo. Nesse caso, temos o processo de discursivização, termo utilizado para designar o “processo de mudança, que leva o elemento linguístico a perder suas restrições gramaticais, sobretudo de ordenação vocabular, e assumir restrições de caráter pragmático e interativo” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 60). Tendo em vista apenas o funcionamento textual (discursivo) do *onde*, propomos a seguinte escala de discursivização:

fórico textual > operador argumentativo > marcador discursivo

O ponto máximo da discursivização ocorre quando um item se desloca do léxico (passando ou não pela gramática), em direção ao discurso, e aí recebe fluidez e liberdade, em relação às imposições léxico-gramaticais, passando a funcionar como *marcador discursivo*.

Embora apareçam diversos nomes na literatura⁴, preferimos utilizar o nome *marcador discursivo* por ser o que mais aparece nos trabalhos sobre gramaticalização do português brasileiro. São denominados de *marcadores discursivos* os elementos linguísticos que se usam num contexto pragmático-discursivo com finalidade de reorganizar o discurso, quando suas restrições de linearidade se perdem, e com a finalidade de preencher o vazio comunicativo causado por essa perda (Cf. MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; MARTELOTTA; ALCÂNTARA, 1996; MARCUSCHI, 1998).

Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 62) afirmam que os marcadores discursivos desempenham um conjunto bastante diversificado de funções que se sobrepõem e se confundem. Essas funções estão relacionadas direta ou indiretamente às preocupações do falante, no momento de processar a fala, em relação ao seu discurso e em relação à recepção do ouvinte. Os autores (p. 62-68) apontam as seguintes funções:

- a) Marcar hesitações ou reformulações.

⁴ Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 61) enumeram os seguintes nomes que aparecem na literatura: *marcadores discursivos, marcadores conversacionais, pontuantes, bordões*.

- b) Modalizar o discurso, marcando insegurança ou não comprometimento do falante em relação ao que fala.
- c) Marcar mudanças de direção comunicativa, que podem se manifestar, por exemplo em aberturas de concessões em relação ao dito.
- d) Criar reticências.
- e) Retomar referentes já mencionados, fazendo-os tópicos para o que vai ser dito em seguida.
- f) Marcar plano discursivo de fundo.
- g) Preencher vazios causados por pausas para calcular as informações subsequentes.

Pelas suas características e funções, é natural esperar que os *marcadores discursivos* venham a ocorrer quase exclusivamente na fala, mais especificamente na fala vernacular. Eles praticamente não aparecem na maioria dos gêneros escritos pelo fato de a escrita dispor ao usuário mais tempo e recursos para o emolduramento, acabamento e revisão do texto. Por isso, é bastante razoável que o escrevente venha a dispensar quase por completo esses itens linguísticos, a não ser em casos em que queira reproduzir alguns fenômenos típicos da fala vernacular como hesitação, truncamento, vazio textual, repetição etc.

O estudo de Souza (2003), que inclui dados da língua falada, mostra a produtividade do *onde* como marcador discursivo. Veja-se o exemplo a seguir:

[18] DOC - Você acha que essa aproximação os filhos e os pais, os filhos dizerem o que, o que querem hoje? Como é que você vê, você acha que isso é bom? Pontos positivos e negativos (inint).

INF - Olha, eu acho bom, eu acho bom quando, quando existe, eh... **onde** fica definido o papel, entendeu? “Eu sou seu pai independente de qualquer coisa, sou seu amigo também, mas sou seu pai”. [M2U11N] (SOUZA, 2003, p. 260).

Neste caso, o *onde* assume a função de um elemento organizador e retomador do discurso, por meio do qual o falante enfatiza a direção temática que dará ao seu texto. Observe-se que o informante (INF) produz uma sequência de marcadores discursivos para ancorar seu discurso, até encontrar no *onde* a segurança necessária para progredir o conteúdo temático. Note-se ainda que enunciado do informante se compõe de uma

sequência de marcadores introdutórios, seguidos do conteúdo do discurso e um marcador de conclusão. Embora semanticamente esvaziado, o *onde* constitui o último item da sequência de elementos introdutórios, o qual garante ao falante a possibilidade de continuar o discurso, mesmo não tendo total clareza e segurança de sua opinião.

Considerações finais

O estudo da trajetória de gramaticalização do *onde* embora já conte com vários estudos (MATOS e SILVA, 1989; BONFIM, 1993; KERSCH, 1996; OLIVEIRA, 1997; CAMBRAIA, 2002; LIMA, 2007) ainda apresenta certas nuances que carecem de aprofundamento. Neste trabalho, julgamos ter encontrado elementos teóricos e dados suficientes para caracterizar os processos de recategorização e semantização. Contudo, no que diz respeito ao processo de discursivização, julgamos ser necessário aprofundar tanto a caracterização teórica quanto a análise. Nesse sentido, notamos a necessidade de buscar uma maior quantidade de dados da fala e da escrita vernacular para verificação dos elementos gramaticais e pragmáticos que cercam o uso do *onde* como marcador discursivo.

Apresentamos, finalmente, um quadro que sintetiza nossa proposta de descrição da trajetória de gramaticalização do *onde*.

Quadro 04 – Quadro síntese da trajetória de gramaticalização do *onde*

	Escala semântica							
	Espaço				Tempo	Texto		
Trajatória de semantização	Espaço concreto	Espaço abstrato	Posse	Instrumento	Tempo	Espaço textual	Causa Conclusão Resultado	Marca discursiva
Valores semânticos	Locativo concreto	Locativo abstrato	Possessivo	Instrumental	Temporal	Fórico textual	Operador argumentativo	Marcador discursivo
Equivalentes semântico	Em que lugar Lugar em que	Em que No(a) qual Que	Cujo Do(a) qual	Com o qual Através do(a) qual	Quando Em que tempo	Isto / Isso	Porque / pois / já que Por isso / portanto De modo que	Ø (zero)
Trajetória de recategorização e discursivização	Pronome						Conjunção	Marcador discursivo
	Interrogativo Advérbio relativo	Relativo	Relativo	Relativo	Relativo	Demonstrativo		
Referenciação	Dêitico Fórico	Fórico	Fórico	Fórico	Fórico	Fórico	Ø (zero)	Ø (zero)
Valor normativo	+ / - padrão	+ / - padrão	- padrão	- padrão	- padrão	- padrão	- padrão	- padrão

Referências

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BONFIM, E. do R. M. Variação e mudança no português arcaico: o caso de *u* e de *onde*. *Palavra*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 96-119, 1993.
- CÂMARA JR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CAMBRAIA, C. N. Sobre as origens do “aonde” na língua portuguesa. In: COHEN, M. A.; RAMOS, J. (Org.) *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 41-66.
- CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, mar. 1997.
- _____. Proposta funcionalista de mudança linguística: Lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização das preposições do eixo transversal no português brasileiro. 2003. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/ATCastilho001.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2007.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 42. ed. São Paulo: Nacional, 2000.
- CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2003.
- COELHO, S. M. *Uma análise funcional do ONDE no português contemporâneo: da sintaxe ao discurso*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FURTADO da CUNHA, M. A.; VOTRE, S. A linguística funcional no contexto da linguística aplicada. In: PASSEGGI, L. (Org.). *Abordagens em linguística aplicada*. Natal: EDUFRN, 1998. p. 55-82.
- GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVON, T. (Ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1979. v. 12.
- _____. *Syntax: an introduction*. Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.

- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar. In: TRAUGOTT E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991a. v. 1. p. 149-187.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991b.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. v. 1. p. 17-35.
- KERSCH, D. F. *A palavra onde no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LIMA, S. C. *Impacto do vernáculo sobre o uso do ONDE na escrita monitorada*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 191-220.
- MARTELOTTA, M. E.; ALCÂNTARA, F. Discursivização da partícula *né*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 277-292.
- MARTELOTTA, M. E.; RÊGO, L. Gramaticalização de *lá*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 237-250.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1989.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Honoré Champion, 1948[1912].

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, L. A. B. A trajetória de gramaticalização do ONDE. In: FURTADO da CUNHA, M. A. (Org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDUFRN, 2000.

_____. *A trajetória de gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

OLIVEIRA, M. R. de. Uma nova proposta de categorização linguística. *Cadernos do CNLF*, Série V, n. 04 – *Linguística e Gramática da Língua Portuguesa* –, Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 27 a 31 ago. 2001. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ4_12.htm>. Acesso em: 08 out. 2012.

_____. et al. Articulação adverbial no discurso religioso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. 2, p. 295-321, jan./jun. 2005. Disponível em:

<<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0502/5%20art%203.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2012.

PERINI, M. A. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

PIRES de OLIVEIRA, R. Os caminhos do 'onde': uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna. In: CABRAL, L. G.; GORSKI, E. (Org.). *Linguística e ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998. p. 147-164.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SOUZA, E. H. P. M. de. *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2003.

TARALLO, F. L. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Dissertation (PhD in Linguistics) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

TAYLOR, John. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon, 1995.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991a. v. 1.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-Pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991b. v. 1. p. 189-218.

VOTRE, S. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 27-43.

Recebido em 15 de setembro de 2013.

Aceito em 30 de outubro de 2013.

SOSTENES LIMA

Docente do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: limasostenes@gmail.com.

MARIA LUIZA M. S. COROA

Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade de Brasília (UnB). Doutora e Pós-Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: mlcoroa@uol.com.br.